A colorful illustration of a river scene. In the foreground, a wooden boat with red and grey stripes is tied to a tree trunk on the right. Below it, another boat with yellow, white, and purple stripes is also tied to the same tree. The river is blue, and the banks are brown with green trees and bushes. The style is simple and child-friendly.

ARICLÉ DO SOCORRO GONÇALVES DOS SANTOS
ELIANA CAMPOS POJO TOUTONGE

ORAIAS

Seres De

Encantamento



ORAIAS

Seres De
Encantamento

Sobre a História

Orais ou **Uraias** (dito em outras localidades como em Irituia - PA), figura do folclore paraense. Trata-se de uma linda mulher que encanta os que não pedem licença para fazer usos das águas do rio, pois considera-se habitante das profundezas. Nesse local, há riquezas florestais e de magias como cantoria e batucada, danças sensuais como forma de atrair a atenção da pessoa que deseja encantar. Para afugentá-la, é recomendado se despir e estar com tabaco na ocasião. A mensagem das *orais* é que para se viver no Quilombo Bairro Alto, é sensato conhecer os costumes e, também, atender às regras da natureza.

Palavras-chave: Encantamento, Mulheres, Quilombo, Amazônia.

Autoras: Eliana Campos Pojo Toutonge & Ariclê do Socorro Gonçalves dos Santos

Narradores da história: Raimundo Alberto Gonçalves dos Santos & Maria Luciene dos Santos.

Capa e ilustrações: Eliene Alves & Antônio Carlos dos Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Professora Conceição Solano / UFPA-Abaetetuba-PA

S237o Santos, Ariclê do Socorro Gonçalves dos
Oraias: seres de encantamento [recurso eletrônico] / Ariclê do Socorro
Gonçalves dos Santos; Eliana Campos Pojo Toutonge. — Abaetetuba: Ed.
Abaeté, 2023.
PDF (15 p.): il. color.

Acesso: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/175>
ISBN 978-65-86640-70-0

1. Lendas – Amazônia. 2. Folclore – Amazônia. 3. Encantamento.
4. Quilombo – Amazônia. I. Pojo, Eliana Campos Toutonge. II. Título.

CDD 23. ed. 398.20981

Elaborado por Luciane Silva da Silva – CRB-2/1632



Conta a lenda, que o rio Matupirituba, no quilombo Bairro Alto, era e ainda é habitado por seres encantados conhecidos como *Oraias*.



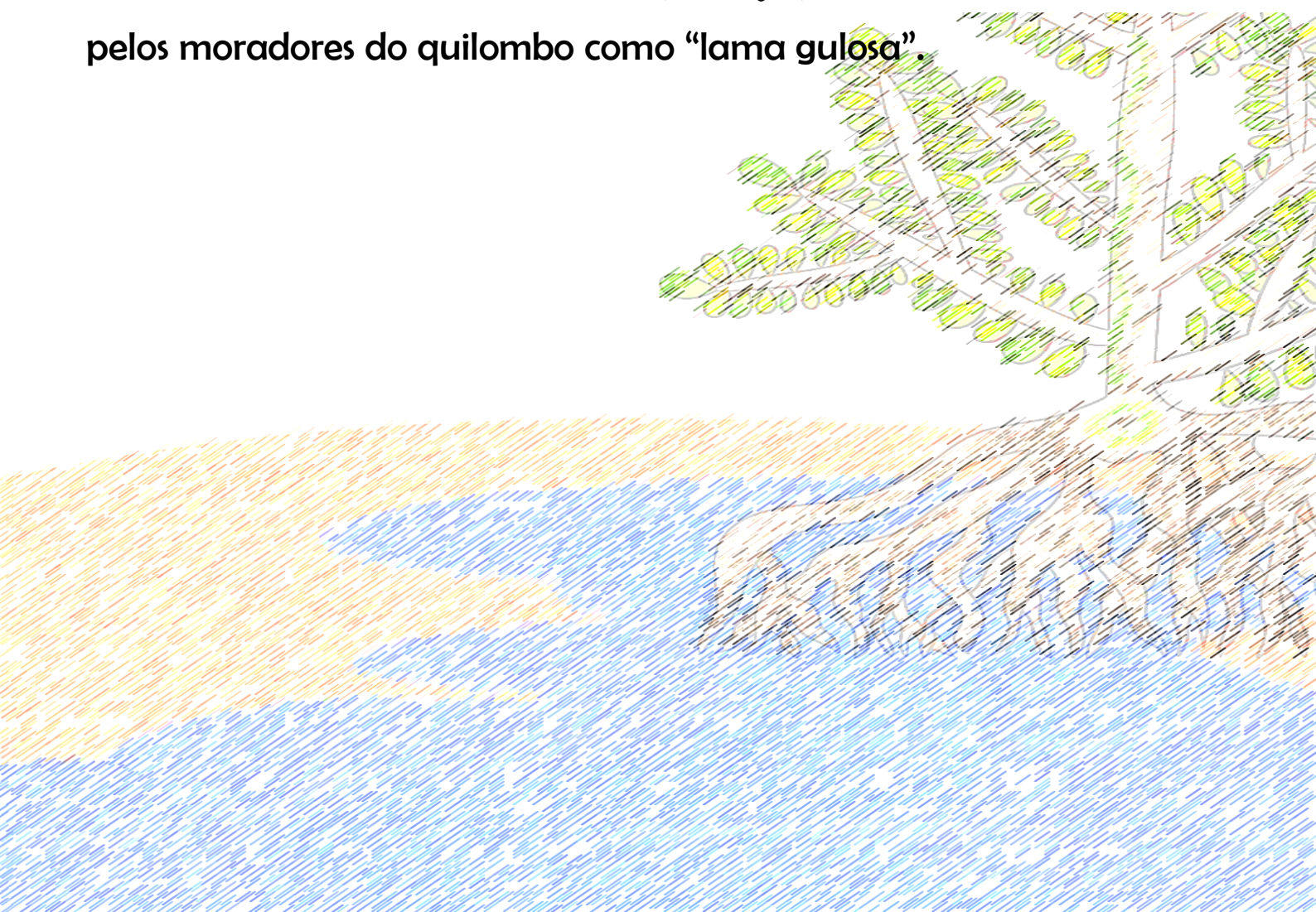


Segundo os mais velhos do quilombo, as *Oraias* são mulheres bonitas, de cabelos longos e bem pretinhos, que podem assumir a aparência de qualquer mulher e possuem os calcanhares para frente. Esta forma dos calcanhares é usada para atrair, perder e encantar as pessoas com mais facilidade.





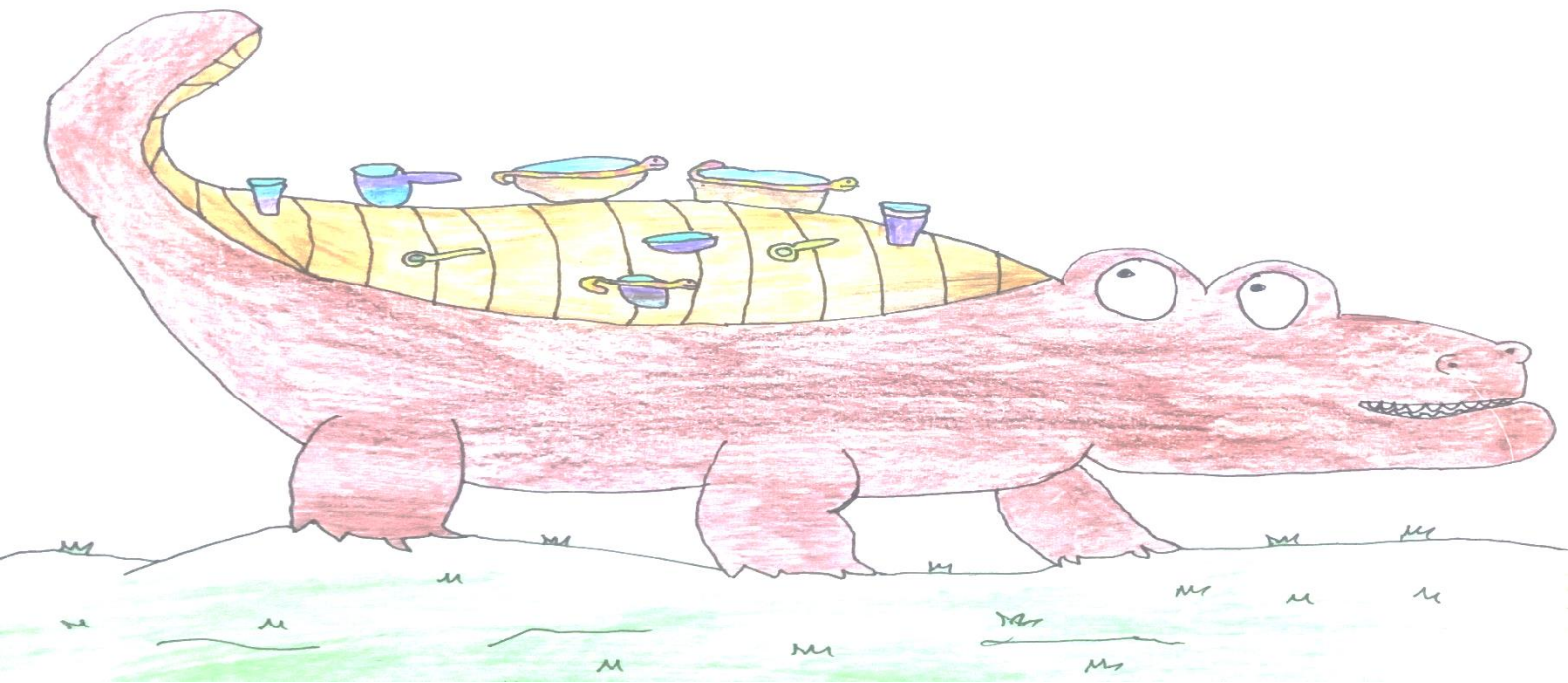
Suas casas ficam debaixo da lama do rio e dos igarapés e as encontramos sempre no atoleiro (lamaçal), conhecido popularmente pelos moradores do quilombo como “lama gulosa”



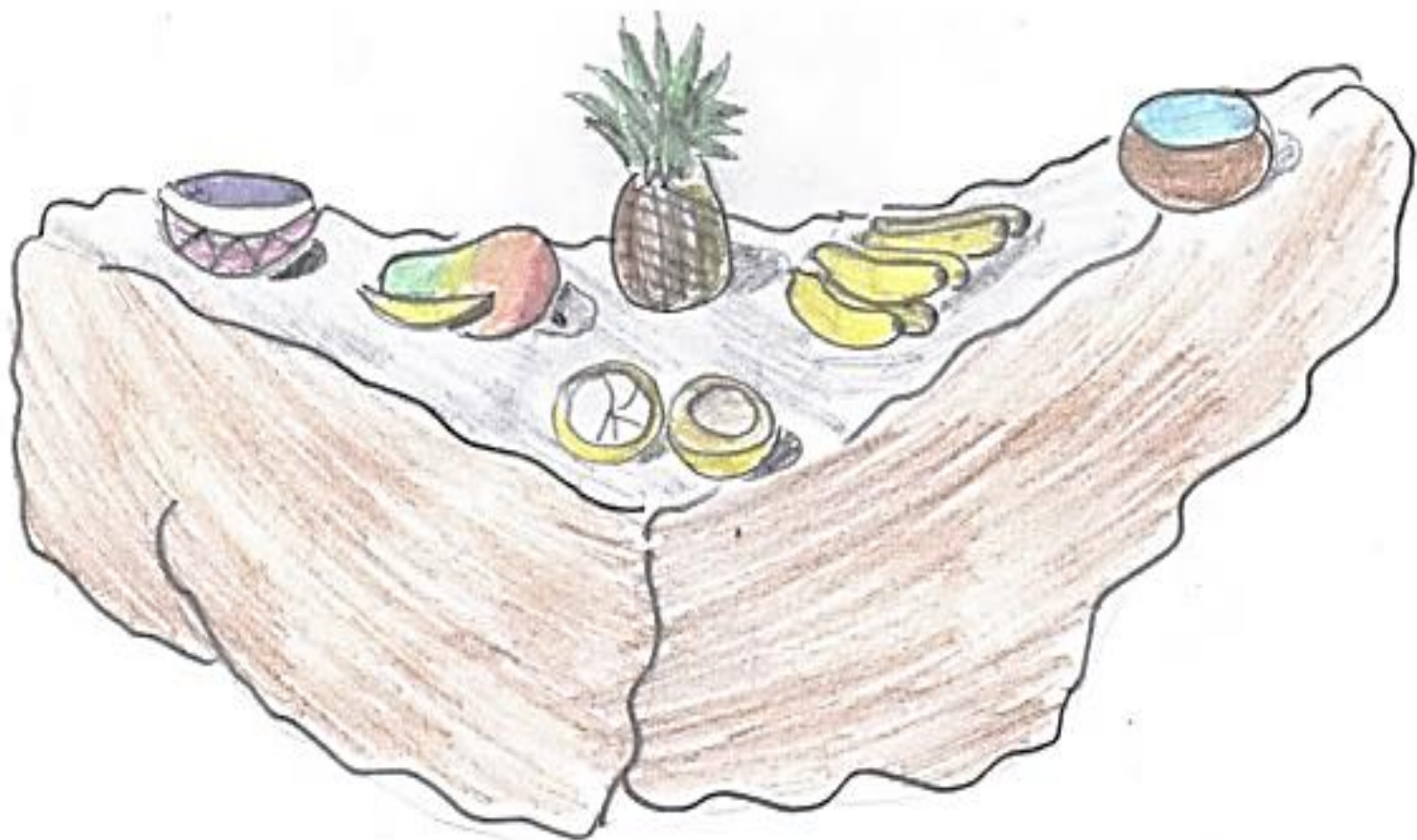
Os mais velhos do quilombo contam, ainda, que quando esses seres encantados aparecem na beira do rio, levam (encantam) crianças ou até mesmo por pessoas adultas que estão desacompanhadas. Normalmente, as *Oraias* são vistas nos horários de meio-dia, 18h e meia-noite, consideradas pelos moradores como horas mortas, ou seja, em que não se deve ir sozinho à beira dos rios ou dos igarapés. No caso da pessoa estar no igarapé ou rio com a maré seca e cair na morada das *Oraias*, é necessário ser puxada para não ser engolida pela lama gulosa.



Em suas moradas, no fundo do rio, tem muita fartura de frutas, comidas e bebidas gostosas. O cenário é de festa, com muita cantoria e batucada, danças sensuais como forma de atrair a atenção da pessoa que desejam encantar. Os utensílios (bancos, mesas, redes) e vasilhas (pratos, colheres e copos) usados por elas são feitos na forma de cobras e de jacarés. Elas oferecem de tudo para a pessoa comer e beber. No caso de a pessoa comer do banquete (peixe, jacaré, cobra), ou beber alguma das iguarias oferecidas pelas *Oraias*, nunca mais retorna do fundo do rio, fica encantada.



Em contrapartida, a pessoa que não come das comidas oferecidas pelas *Oraias*, recebe uma surra (tortura) durante três dias e é deixada no meio marajazal (palmeira cheia de espinhos), ficando desorientada e sem saber como sair do emaranhado de espinhos. Geralmente, as pessoas que são judiadas (atraídas) por esses seres encantados precisam ser levadas ao pajé ou à benzedeira para desfazer o encanto.



Há relatos sobre um pescador que saiu para pescar sozinho e quase foi encantado pelas *Oraias*. O encantamento não aconteceu por sorte, pois quando ouviu os cantos e as conversas que pareciam passar por ele e, ao mesmo tempo, o deixavam confuso sem saber de onde vinha os sons, ele lembrou de uma simpatia (um ritual) que ouvira de seus pais, quando era mais novo. Assim, começou a tirar suas roupas, pois é uma maneira de não ser encantado pelas *Oraias*. Ou seja, se despir e levar tabaco (fumo usado para afastá-las) quando for ao



Dessa forma, os mais velhos justificam que, para viver nesse quilombo, é preciso obedecê-los, conhecer os costumes e, também, atender às regras da natureza, como forma de preservar os saberes locais ainda presentes e vivenciados no quilombo do Bairro Alto. E uma das formas de respeitar os “encantados” por parte, principalmente, das crianças é atender à regra de não irem sozinhas para a beira dos rios e manter o silêncio nos horários de meio-dia, seis da tarde ou meia-noite, pois as *Oraias* costumam tomar banho nestes horários.



Sobre o Quilombo do Bairro Alto

A Comunidade Remanescente Quilombola de Bairro Alto fica localizada a 12 km do município de Salvaterra na Ilha do Marajó, Pará. Trata-se de uma comunidade quilombola que congrega em sua territorialidade múltiplas aprendizagens, abarcando o contexto social, local, cultural e ancestral. São fazedores e guardiães de múltiplos saberes e práticas que contribuem para outras formas de interpretação sobre o local no sentido de suas memórias de povo quilombola, em território amazônico e marajoara.

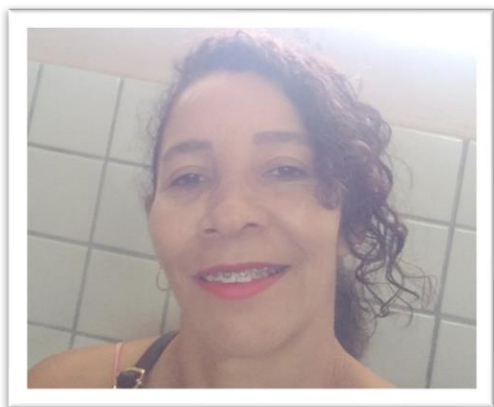
O quilombo fica de frente para margem do igarapé Matupirituba, um braço do rio Paracauari, com limites com o terreno da Embrapa e a fazenda Forquilha (denominada hoje como fazenda Lucine). A população da comunidade é constituída por descendentes de pessoas negras que foram escravizadas, sendo algumas das fazendas existentes, parte dos resquícios desses processos de escravidão aqui na ilha.

Foto: Igarapé Matupirituba (2022)

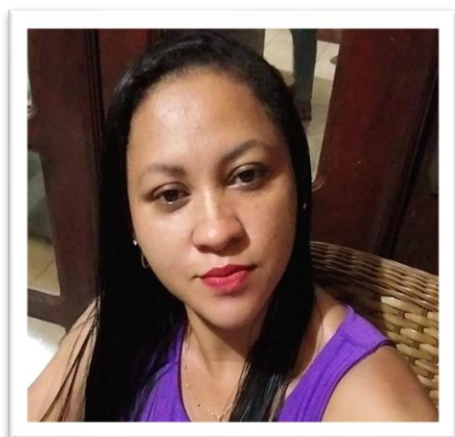


Fonte: Ariclê Santos (2022).

Sobre as escritoras



Eliana Campos Pojo Toutonge. Pedagoga. Possui mestrado em Educação e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas. Tornou-se professora lecionando para crianças e com a formação de professores/as na Educação Básica. Atualmente, é docente da UFPA (Campus de Abaetetuba-PA). Estuda e pesquisa em Comunidades/Povos Tradicionais, infâncias/crianças e Educação na/da Amazônia. E-mail: elianapojo@ufpa.br



Ariclê do Socorro Gonçalves dos Santos. Graduanda do curso de Licenciatura plena em Pedagogia, do campus de Abaetetuba, Polo Soure/ Marajó-PA. Membro da Associação Remanescente Quilombola de Bairro Alto (ARQBA). Desenvolveu atividades como Assistente Administrativo na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-PA). Possui Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde/Escola Estadual de Ensino Técnico do Estado do Pará (EETEPSA), de Salvaterra. Atualmente, atua como cuidadora escolar em Escola Quilombola no Município de Salvaterra. E-mail: santosaricle@gmail.com

Sobre a ilustradora



Eliene da Silva Alves. Licenciada em Educação do Campo: Ciências Naturais. Especialista em Ciências da Natureza. Atualmente é Mestranda do Programa de Pós-Graduação Cidades: Território e Identidades (PPGCITI) na Universidade Federal do Pará pelo Campus Universitário de Abaetetuba. Estuda e Pesquisa sobre relações socioculturais, natureza e processos criativos para Educação na/da Amazônia. E-mail: elienyalves@hotmail.com.